

# “OS PRÓCERES DO TALHO”<sup>1</sup>: IGREJA CATÓLICA, HISTÓRIA CULTURAL E CONSTRUÇÃO DE UM IDEÁRIO NEGATIVO A MAÇONARIA<sup>2</sup>

Augusto César Acioly Paz Silva<sup>3</sup>

## Introdução

O intuito do presente texto é num primeiro momento lançar algumas questões sobre o processo de constituição da relação história e cultura, realizando uma pequena retrospectiva dos conceitos e autores que tentaram trabalhar dentro destes limites, passando posteriormente para a estruturação da História cultural, observando quais os elementos diferenciadores do modelo clássico e da Nova História Cultural, discutindo alguns autores e formas que contribuíram para o revigoramento da ciência histórica.

Dentro deste conjunto de modificações e do estabelecimento dessa nova modalidade de História, é ainda uma preocupação nossa, ver em que medida o estabelecimento desta vertente animou alguns historiadores a voltarem os olhares para temas, antes relegados ao *ostracismo histórico*, por serem encarados como temáticas que não deveriam ocupar as reflexões dos pesquisadores.

Nesse conjunto de assuntos, encontramos a Maçonaria que, nos últimos anos, vêm ocupando a reflexão de alguns pesquisadores, não mais dentro daquela ótica onde o segredo e a conspiração eram seus adjetivos principais, mas tentando entender quais seus objetivos e o porquê da constituição das representações que se cristalizaram na sociedade. Por este motivo, entendemos que a difusão das preocupações com a cultura trouxe no seu bojo toda uma possibilidade de trabalho com objetos e temáticas antes impensadas, tentando ultrapassar a análises que haviam se ocupado única e exclusivamente em perpetuar a visão da Maçonaria como uma instituição hermética.

Feitas estas considerações partiremos mais especificamente para a forma como o texto está organizado. Na primeira parte do artigo trataremos da relação História e Cultura. Nela veremos uma discussão sobre estes conceitos e o modelo de história cultural, passando por algumas questões e autores referenciais para o presente modelo de História. Na segunda parte, feita a associação da importância da história cultural para as novas análises produzidas sobre a maçonaria, tentaremos a partir dos periódicos tanto dos setores ligados

---

<sup>1</sup> Esta expressão foi encontrada no artigo **Questão Religiosa**, número 27 da Tribuna religiosa, 1 de outubro de 1907. O artigo ressaltava as calúnias que os grupos maçônicos utilizavam contra a religião e seus representantes em todo o mundo, utilizando para tanto, suas publicações.

<sup>2</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Cultural”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

<sup>3</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba.

à Maçonaria quanto aos da Igreja, entender os motivos e como se davam os conflitos entre essas instituições, preocupando-se mais especificamente com a construção do ideário da intolerância e do complô tendo como alvos a Maçonaria. Passemos agora as considerações da primeira parte do texto.

## História e Cultura

A cultura, dentro do campo de trabalho dos historiadores, vem nos últimos anos ascendendo, cada vez mais, ao *status* de importante categoria explicativa, isto pode ser observado levando em consideração o crescente interesse dos estudiosos da história por temas ligados a atos simbólicos, como: rituais e festas, e ao uso de Conceitos como cultura popular e com uma preocupação crescente sobre o que os primeiros *analistas*<sup>4</sup> chamavam de as formas de *pensar e sentir da sociedade*. Tal preocupação com os aspectos culturais se intensificou com a emergência dos estudos culturais, culminando no que alguns teóricos da pós-modernidade chamaram de “*viragem cultural*”, numa franca mudança de enfoque por parte da intelectualidade dos aspectos socioeconômicos como principais formas de explicação da realidade para os fenômenos culturais<sup>5</sup>.

A história cultural então, emerge dentro deste contexto, como vedete, conduzindo e seduzindo uma grande quantidade de historiadores. Segundo Peter Burke, falando sobre a cultura popular e a cultura de elite, no primeiro número da revista diálogos da Universidade de Maringá, observou que falar de cultura ou precisar uma conceituação “objetiva” deste termo é uma tarefa muito mais difícil do que pensamos, principalmente nos dias atuais, uma vez que tal terminologia alcançou uma imensa amplitude conceitual se compararmos a tempos atrás. Por exemplo, durante o século XIX, a idéia tanto de história cultural quanto a de cultura, tinham suas conceituações mais claras.

Creio que seja necessário realizarmos, no presente texto, uma pequena retrospectiva acerca do surgimento desta modalidade de história, festejada atualmente nos meios intelectuais, para que a partir da compreensão das suas origens e do seu desenvolvimento, possamos entender um pouco o porquê da sua atração, às questões que ela coloca e os seus limites teóricos. Tal retrospectiva insere-se nas nossas preocupações no presente texto pelo fato de ser elemento importante no entendimento da emergência dos estudos que têm a maçonaria, no Brasil, como foco de preocupação, além de ser através das construções culturais que podemos perceber como se deu a construção do discurso e o

<sup>4</sup> Esse termo que emprego é para me referir aos adeptos do movimento dos Annales na França, corrente historiográfica surgida na França no início do século XX(1929), que empreenderam uma reforma na forma de escrever a história francesa, divulgando-se depois para outros países.

<sup>5</sup> Uma discussão sobre o local da cultura na sociedade contemporânea e as sua elevação à categoria de conceito importante no interior das ciências sociais encontramos nos seguintes textos: SALIBA, Elias Thomé. Perspectivas para uma historiografia cultural. In: *Revista Diálogos*. Nº 1, Maringá, 1997; JAMESON, Frederic. *A lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1997.

funcionamento do ideário negativo forjado pela Igreja e seus intelectuais, tendo como alvo a maçonaria.

Quando alguns autores tentam remontar as origens da história cultural, boa parte deles circunscreve tal origem a Alemanha do Século XVIII, onde este termo foi originalmente cunhado<sup>6</sup>. Nesse período quando se falava em história cultural estava se remetendo, ou tendo como principal conceito e modelo de cultura, a clássica definida e/ou veiculada pela intelectualidade de então como a “alta cultura”. Fazer História cultural neste ambiente era refletir sobre as questões relacionadas à produção artística da pintura, da música e do teatro todas essas manifestações ligadas ao modelo clássico de cultura. Boa parte dos estudiosos que se dedicavam a tais reflexões, antes de serem historiadores, eram artistas que se preocupavam com a historicidade destes fenômenos, muitas vezes, analisando ao mesmo tempo a história do movimento cultural, seu contexto e as questões de ordem estética.

Dentro desta tradição da história cultural apontada acima, Peter Burke, chama a atenção para autores como Mathew Arnold, Jacob Burckhardt, Johan Huizinga só para citar alguns. Ampliando os nomes temos na França o Michelet e Fustel de Coulanges, tais obras tinham suas preocupações não voltadas para as questões assentadas no modelo de historiografia *rankeano*, bastante difundido durante o século XIX.

Quando remontamos a estas origens podemos perceber que a preocupação com a cultura não é um fenômeno recente, ou um objeto percebido há pouco tempo pelos estudiosos da história. O que podemos observar é a existência de uma diferenciação entre a concepção de história cultural de tradição clássica e o modelo atual.

O conceito de cultura para os historiadores do séc. XIX estava basicamente atrelado à idéia de cultura clássica, erudita, apesar destes termos já terem sofrido atualmente algumas reavaliações. Peter Burke<sup>7</sup>, em texto sobre história cultural referindo-se e analisando o modelo que ele chama de História cultural clássica, aponta as seguintes críticas a essa forma de história: a sensação de que nos estudos clássicos, os objetos analisados pairam no ar pelo fato da história cultural tradicional não realizar as relações entre os objetos estudados e a sociedade; o estabelecimento da idéia de uma espécie de consenso ou unidade cultural, expresso pela idéia do *Zeitgeist*, criticada por vários estudiosos, por perceber que a unidade/consenso proposta por estes estudos são um equívoco.

A crítica realizada pelos marxistas, evidencia Peter Burke, coloca qualquer tentativa de ver ou buscar consenso e unidade pode ser vislumbrado como uma forma de encobrir os conflitos entre as classes sociais, as sociedades e as culturas analisadas; nessa perspectiva, outra crítica ressaltada é a idéia de tradição conceito que pode ser simbolizado ou estar próximo à concepção de transmissão, consoante a esta perspectiva as práticas

---

<sup>6</sup> BURKE, PETER. *Variedades de História Cultural*. trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2000.318p.

<sup>7</sup> BURKE, Peter. *O que é História cultural?*. Trad. Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.186p.

culturais seriam elementos transmitidos de geração para geração, os críticos a essa visão observam os fenômenos culturais não como se desenvolvendo dentro desta dinâmica quase que esquemática, Peter Burke, assinala que com base nos estudos realizados a partir do círculo de Aby Waburg<sup>8</sup>, foi observado a sobrevivência de alguns deuses pagãos da antiguidade para o Renascimento, dentro de um conjunto de modificações e reelaborações que os tornaram aceitáveis. Isto prova que tal processo não se desenrola de forma tão superficial, como a que encontramos dentro da idéia de tradição.

As últimas avaliações feitas a partir do texto de Burke, consideram o conceito de cultura empregado pela história cultural de viés tradicional, simplista demais, pois ao falar de cultura tais estudiosos estão remetendo a “alta cultura”. Tal visão de cultura estaria um pouco limitada para o mundo contemporâneo, não servindo para as reflexões atuais<sup>9</sup>. Essas considerações não minimizaram os questionamentos e o interesse dos historiadores sobre a dimensão cultural. Em livro publicado recentemente sobre a história cultural Peter Burke<sup>10</sup> organiza um quadro sobre esta disciplina buscando suas raízes, assinalando as principais influências vivenciadas no seio da história cultural, como, por exemplo, a preocupação no começo do século XX da sociologia pela história cultural, principalmente ligado à arte, na tentativa de construção de uma sociologia da arte, mas que se abria também uma perspectiva mais ampla à dimensão cultural, não atrelando exclusivamente as questões de ordem estéticas.

Como exemplos dessa corrente, o autor cita alguns nomes como: Weber, Nobert Elias, Aby Waburg e o seu círculo de estudo e próprio Huizinga. Continuando a trajetória de desenvolvimento da disciplina, Burke mostra ainda as associações entre a história cultural e a antropologia, tecendo antes, alguns comentários acerca da concepção e introdução das preocupações com o povo e a cultura popular, uma das bases do modelo de História Cultural atual. O livro do Peter Burke estabelece uma visão panorâmica acerca da História Cultural, possibilitando a abertura de espaços para a colocação de uma multiplicidade de questões, refletindo sobre vários aspectos dessa vertente historiográfica, entre as quais destaque a preocupação em contextualizar e citar as principais obras que ajudaram na consolidação da citada corrente, mostrando teóricos que a tem influenciado e os seus respectivos estudos, além de empreender uma delimitação aos limites das suas reflexões.

---

<sup>8</sup> Peter Burke no seu Livro *o que é História Cultural? Fala-nos sobre o grupo de estudo que se desenvolveu sob a influência de Waburg*, filho de um banqueiro que trocou sua herança por uma rica mesada, investindo-a na compra de livros, organizando uma importante biblioteca, sua casa então se transformou num centro de discussões, sobre cultura e arte. Muitos dos indivíduos que freqüentavam esse círculo de estudo, escreveram trabalhos com a preocupação de analisar as relações entre cultura e a obra de arte. Seus estudos desenvolveram, a observação particular, influência importante na composição do método indiciário, formulado por Carlo Ginzburg. Com o Nazismo e a diáspora de vários intelectuais europeus e alemães, sua biblioteca foi transferida para Londres, onde foi criado um centro que preserva a sua Biblioteca e leva o seu nome.

<sup>9</sup> Boa parte dos argumentos utilizados nos parágrafos acima foi extraída do texto BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2000. pp234-343.

<sup>10</sup> BURKE, Peter. *O que é História cultural?*. Trad. Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 186p.

Ressaltando o valor da chamada **Nova História Cultural** no plano da historiografia contemporânea e quais as questões de ordem.

Como citamos anteriormente, o presente texto é de fundamental importância aos que pretendem iniciar-se e melhor compreender o que simboliza a História Cultural. Apesar de o seu título ser *O que é História Cultural?* O autor não responde a questão de forma objetiva, nem o poderia fazer, uma vez que, tal questão não pode ser estabelecida de forma taxativa e unilateral, haja vista a complexidade do conceito de cultura, elemento carregado de uma multiplicidade de características e significações.

Outra questão integrante desta discussão é a da diversidade da prática metodológica desenvolvida no interior da História Cultural, que se apresenta, na maioria das vezes, eivada de várias questões, muitas delas complexas, e sem fórmulas pré-estabelecidas. Sendo assim, o autor mesmo sem dar uma resposta objetiva à pergunta veiculada no livro, realiza uma composição de todo um quadro de referências onde é possível trilhar algumas questões suscitadoras que preocupam tanto os veteranos quanto os que estão se iniciando nos caminhos da História Cultural.

Outro texto importante sobre o desenvolvimento do que se convencionou chamar de História Cultural é do Ronaldo Vainfas, encontrado no livro **Domínios da História**, nesse artigo o autor sugere a tese de que a História Cultural era de certa forma o desenvolvimento do que na década de 70 chamava-se de História das Mentalidades, disciplina muito cultivada entre os franceses. Para provar tal tese, é realizada uma série de argumentações buscando as origens e colocando algumas questões e influências, de disciplinas como a antropologia, conceitos como a de Longa Duração, que fizeram parte do ambiente das mentalidades e foram reelaboradas pela História cultural.

Ele ainda observa que houve certo desgaste na concepção de mentalidades o que levou muito dos seus praticantes a sentirem-se mais confortáveis como historiadores culturais, o Vainfas encerra o seu artigo mostrando os modelos de autores como Ginzburg, Chartier e Thompson e a introdução da História cultural no Brasil. Um dos aspectos percebidos e diferenciadores entre o texto do Ronaldo Vainfas e o do Peter Buke, é a preocupação do primeiro em mostrar a história cultural como filha diletta das mentalidades e dos Annales.

Essa rápida incursão tendo a História cultural como mote, passando por alguns dos autores que se preocuparam em tratar a temática e colocar questões, serviu para podermos correlacionar o desenvolvimento desta disciplina no seio da historiografia mundial e particularmente brasileira, como elemento inspirador na emergência de novos objetos, fontes e questões, contribuindo assim para a renovação na forma de se escrever a História e selecionar os temas e as metodologias a serem estudadas.

Dentro desse revigoramento, chamo a atenção, mais especificamente, ao estudo da Maçonaria e do ideário negativo organizado contra esta instituição. Tal objeto tem estado no

interior das nossas reflexões sobre a história e seus novos objetos há algum tempo<sup>11</sup>. Um conjunto crescente de estudos vem sendo realizado sobre esta instituição nos últimos anos, tentando entendê-la afastar aquele ideal do complô, conspirativo, demoníaco ou golpista que foi a marca que perseguiu os maçons e a maçonaria, tornando-se uma representação forte todas às vezes que falamos desta instituição. Compreender um pouco quais as matrizes que ajudam na composição desta marca é uma das questões que nós colocamos no presente texto.

As relações conflituosas entre Igreja e Maçonaria, o discurso anti-maçônico muitas vezes responsável pela disseminação de uma cultura de intolerância e medo tendo nos intelectuais católicos o seu ponto de criação e divulgação, só puderam ser percebidos como temas ou questões problemas aceitáveis ou dignos de *Clio*, a partir das transformações que culminaram com a elevação das preocupações com o cultural e as suas manifestações, ocorridas a partir de todas as modificações discutidas por nós nesse texto, e que gerou todo um conjunto de reflexões, conceitos do que é história, papel do pesquisador e da pesquisa e quais os seus “novos” objetos e fontes a serem discutidas. Todo esse conjunto de fenômenos alargou a percepção e as preocupações da ciência histórica, compatíveis com o mundo/presente multifacetado e complexo que vivemos e lançamos questões.

**“A besta anti-clerical a solta”:  
Igreja Católica, os intelectuais e conflitos com a Maçonaria**

“Enquanto o governo maçônico da França apertar com braços de ferro a religião Católica, perseguindo de modo insólito os seus bispos, os seus sacerdotes e as suas congregações religiosas, roubando-lhes as propriedades e expulsando do território francês milhares de cidadãos franceses, pelo simples fato de serem católicos, novos horizontes se descortinam ante a cruz de Cristo e o facho luminoso do catolicismo vai entrelaçar suas refulgências com os reverberantes raios do sol nascente”. (A Tribuna, Ano I, nº. 20, 15 de junho de 1907 ).

A citação acima, retirada do jornal católico A Tribuna publicada em 1906, como porta voz dos estudantes do seminário de Olinda e posteriormente transformada no veículo oficial da referida Diocese e do catolicismo pernambucano, mudando o seu nome para Tribuna Religiosa. Dentro do conjunto dos seus artigos encontramos uma variedade de temáticas passando por questões ligadas à teologia, ao social, debates políticos, epidemias que assolavam o estado e a preocupação com a maçonaria, suas ações e difusão figurando como pauta “quente” de discussões, veiculando muitas vezes um discurso forte e crítico as

---

<sup>11</sup> SILVA, Augusto César Acioly. *Pedreiros-Livres em Pernambuco: história, iniciação, ritualística e imprensa (1870-1912)*. Recife: UNICAP, Monografia de Especialização, mimeo, 2004.

posturas e filosofias da maçonaria, qualificadas muitas vezes como erros graves e que precisavam ser temidos pela sociedade.

A temática da perseguição à religião católica, foi lugar comum em muitos dos artigos presentes na Tribuna no período que vai de 1906 a 1909, fase que analisamos algumas edições, aliado a esta perseguição, sempre figurava a idéia à influência nefasta e degenerante do governo francês, que se encontrava influenciado pela ação maçônica. É possível observar bem essa idéia com base no trecho acima, pois ele nos dá bem a dimensão e a visão construída por este periódico católico, do poder nocivo e perseguidor que o governo francês, com fortes tendências maçônicas lançava sobre a Igreja. Porém, o redator do artigo mostra que por mais torpe que fosse a posição da Maçonaria em relação à Igreja, pois “*a cruz de cristo e o facho luminoso do catolicismo*” constituiria um novo horizonte para os católicos e a sua religião<sup>12</sup>.

As relações conflituosas entre estas duas instituições vêm de longa data, desde as primeiras condenações papais efetuadas no século XVIII, pelo papa clemente XII (1737/38) através da encíclica *Eminentí* até os dias atuais numa carta aberta ao povo católico em 1983, feita pelo então cardeal Ratzinger, hoje Bento XVI. Apesar de oscilar, entre momentos de maior investida da Igreja contra a Maçonaria com fases de uma certa “tolerância”, podemos perceber a Igreja através dos seus intelectuais, como uma das forças construtoras de todo um ideário negativo à Maçonaria, ressaltando vários momentos simbolizados ou caracterizados pelo espectro demoníaco, conspirador e desestabilizador que povoou o imaginário da população, durante anos<sup>13</sup>.

O período recortado nesse artigo, é o do começo do século XX, mais especificamente entre os anos de 1906 até 1912. Este corte foi por nós estabelecido tendo como parâmetro para efetuá-lo a existência de dois periódicos onde podemos perceber discussões fortes entre os dois atores principais deste texto. A utilização dos dois jornais é importante no sentido de captar e infiltrar-se nos irradiadores de toda a discussão que pretendemos apreender, sendo assim, na tentativa de estabelecer como se dava a construção dos argumentos negativos por parte da Igreja e como a Maçonaria recebia estas construções, verificaremos A Tribuna Religiosa, foco principal de todo o discurso anti-maçônico proferido pela intelectualidade católica, na primeira década do século XX, do outro lado temos o Archivo maçônico, órgão surgido no mesmo ano da tribuna, sendo o esforço de um conjunto de maçons ligados inicialmente a Loja Segredo e Amor da Ordem, mas posteriormente unindo um conjunto de maçons de outras lojas e estabelecendo-se como órgão oficial para a Maçonaria pernambucana. O editorial do primeiro número deixa expresso quais os direcionamentos

---

<sup>12</sup> SILVA, Severino Vicente. A Primeira Guerra Mundial na Tribuna Religiosa: O Nascimento da NeoCristandade. Recife: UFPE, dissertação de mestrado, mimeo, 1985.

<sup>13</sup> Para se inteirar mais ainda do processo de relações conflituosas entre a Maçonaria e a Igreja ver o livro. BENIMELI, J.A.F.; CAPRILE, G; ALBERTON, V. **Maçonaria e Igreja Católica**: ontem. Hoje e amanhã. 3ªed. São Paulo: Paulinas, 1983, 386p.

que pretende seguir, dentro dessa linha eles colocam-se como uma publicação destinada a livre discussão de idéias e ao combate de idéias obscurantistas, além é claro, de preocupar-se com questões ligadas ao funcionamento interno da instituição e sua filosofia<sup>14</sup>.

Serão estes os dois locais privilegiados de embate no começo do século XX em Pernambuco, fornecedores de subsídios para perceber como se desenrolavam as relações entre a Igreja Católica e Maçonaria. Temas como: *laicização, democracia, tolerância religiosa, livre-pensamento, espiritismo, problemas sociais e políticos, anti-clericalismo, perseguição religiosa, planos ocultos para desestabilizar a fé católica, confabulações políticas e secularização* fazem parte da pauta de discussão entre os dois espaços, ocupando muitas vezes números inteiros tanto do periódico ligado à maçonaria quanto ao da Igreja Católica<sup>15</sup>.

Para melhor entendermos como se dava a composição por parte da Igreja de todo um conjunto de discursos que tinha como alvo a maçonaria, selecionamos um conjunto de artigos da Tribuna Religiosa, com o intuito de fornecer uma amostragem e observar quais os principais aspectos integrantes dos textos veiculados pelo órgão ligado a Igreja. As temáticas e reflexões são múltiplas, porém existem aspectos sempre reincidentes nos artigos selecionados. Dentre as várias narrativas observadas, nos vários números analisados, os temas apresentados no conjunto de artigos são os seguintes: A idéia do complô maçônico e da dominação, expresso a partir de uma variedade de artigos que trazem informações como a da infiltração de maçons nos vários espaços do estado, onde se esforçavam pela discussão e aprovação de leis contrárias a fé católica, tais leis procuravam direcionar-se na construção de uma sociedade leiga, que deveria ser alcançada através da organização de um ensino desvinculado da influência religiosa católica, a defesa de uma tolerância religiosa, o casamento civil e o divórcio.

Todas estas questões eram vistas pela intelectualidade católica como estratégias utilizadas pela maçonaria na tentativa de ampliar seu domínio junto às sociedades, através da construção do império maçônico, muitas vezes tendo como representante e principal difusor a França. O projeto principal, segundo as denúncias da folha católica, era o estabelecimento da ordem maçônica universal como única direção possível e desejável para o mundo. Segundo a Tribuna, tal modelo perseguido pela maçonaria e os seus adeptos, não se furtariam no intuito de alcançar seus objetivos a qualquer procedimento, seja ele legal ou não, para atingir a meta prioritária da conquista do mundo e construção de uma sociedade onde a espiritualidade, a moral e os bons costumes, ligados à concepção católica, não teriam mais espaço.

---

<sup>14</sup> **Archivo Maçônico**, ano I, n.1, 12 de setembro de 1906, p.3

<sup>15</sup> Para observarmos as principais temáticas aqui referendadas, realizamos a leitura dos jornais **Archivo Maçônico** de setembro de 1906 à junho de 1910 e da **Tribuna Religiosa** de abril de 1907 à fevereiro de 1909.



A Igreja colocava-se como vítima de toda essa ordem associando muitas vezes a Maçonaria ao poder maligno e demoníaco. A divulgação dessas imagens, trabalhadas pela intelectualidade católica e propagada através de textos na imprensa, livros e discursos dos religiosos católicos nos púlpitos de suas Igrejas, ajudavam a criar uma imagem da maçonaria que deveria ser temida, justificando então a congregação de todos os esforços possíveis, unindo clero e leigos no combate a essa sociedade.

O espectro da maçonaria como instituição pronta a confabular e comandar os destinos do mundo pode ser observado como uma das “constelações mitológicas”<sup>16</sup>, integrantes do imaginário Ocidental desde pelo menos a Revolução Francesa. A comprovação para o argumento acima pode ser vislumbrado, com base na existência de uma imensa literatura, suscitadora de denúncias, perseguições, intolerância e violência que despertava nas populações ligadas ao catolicismo um medo, construindo o ideário de que os fiéis estavam em estado permanente de insegurança. Para afastar tal estado era justificável as ações de intolerância e perseguição efetuadas aos maçons, a maçonaria e tudo o que eles representavam e defendiam, desencadeadas pela imprensa católica. A Tribuna apontava que os pontos almeçados pela maçonaria, no seu trabalho pela edificação de um mundo amparado na imoralidade e desestruturação social como sendo: a república, o ensino leigo, o casamento civil, o divórcio e a livre expressão para denominações religiosas que não fossem católicas (protestantes, espíritas e outros).

A intolerância da Igreja é denunciada em vários artigos do *Archivo Maçônico*, podendo ser observada, por exemplo, no artigo intitulado *protestemos*, denunciando as práticas de incentivo a perseguição religiosa, efetuadas pelos capuchinhos da Igreja da Penha, que tiveram como campo de ação a cidade de Caruaru, a ação daqueles religiosos foram representados pela realização da queima, na frente do templo católico daquela cidade, de livros religiosos protestantes. Tal ato foi execrado pelo redator do artigo, observando esta prática como elemento que se configurava em crime, pois atentava contra a liberdade religiosa e a liberdade de culto. O autor do artigo solicita uma postura mais efetiva e dura, propondo a punição dos instigadores, pelos poderes competentes, uma vez que havia desobedecido a constituição.

Dentro do mesmo espírito de crítica a atitude dos representantes do catolicismo, o *Archivo* ainda, comentou um artigo publicado originalmente no jornal *A província*, denunciando o padre da freguesia das graças, por recusar-se a ministrar o sacramento da confissão, pelo simples motivo de o comerciante Manoel Joaquim Pereira, ser casado apenas no civil, incorrendo o comerciante, na visão do padre, em ato atentatório à fé católica. Ainda sobre o casamento civil, Lucullo autor da sessão “A tóa”, critica a postura de pouco caso com as leis

---

<sup>16</sup> Conceito de Gilbert Durand, encontrado no livro: GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. trad.Maria Lúcia Machado. São Paulo: companhia das letras, 1987, p.19

do país dos frades da penha, pelo motivo de terem realizado cerca de 307 casamentos nas missões em Caruaru e regiões circunvizinhas, sem utilizarem ou observarem o dispositivo do casamento civil, executando única e exclusivamente o religioso, para Lucullo tal união não tem efeito legal nenhum e só serve para demonstrar a posição de intolerância dos religiosos às leis do país<sup>17</sup>.

Como podemos observar o embate entre os periódicos era constante, muitas vezes são observadas edições inteiras tanto do *Archivo Maçônico* quanto da *Tribuna Religiosa*, para responder matérias e reportagens tidas como inverídicas, por parte tanto do órgão maçônico quanto do católico. Um exemplo é o número 24 do *Archivo Maçônico* de agosto de 1908, onde vários artigos realizam uma reflexão sobre um caso ocorrido no Rio de Janeiro, o do não hasteamento da bandeira nacional no interior de um templo católico utilizando o argumento que a bandeira trazia um lema positivista, materialista e acatólico, profanando o recinto sagrado do templo. Muitos artigos desta edição e de algumas outras, ocuparam-se em criticar a atitude do padre.

Dentro do conjunto de artigos da *Tribuna religiosa* voltados para criticar as atitudes da Maçonaria, encontramos um versando sobre o empenho da referida instituição, na difusão de informações, classificadas como torpes, pois veiculavam fatos considerados escandalosos que haviam sido cometidos nos colégios religiosos. Os casos expostos eram os mais diversos indo de maus tratos a alunos e alunas e a denuncia de morte de uma aluna, num desses estabelecimentos de ensino. O autor do artigo considera que tais informações só podiam ser fruto da imaginação de mentes beirando a perversão e influenciadas pelo anti-clericalismo maçônico.

Com base nos exemplos trabalhados, podemos perceber que as relações entre a Maçonaria e a Igreja, na primeira década do século XX, estavam carregadas de fortes discussões entre os dois espaços. As imagens que conseguimos construir acerca destas relações, pode ser bem representada como a de um grande campo aberto de conflito, onde tudo era válido para sair vitorioso, passando a idéia de que estes dois pólos estão em luta, e o objetivo final é ver qual o conjunto de argumento cairá primeiro. A áurea da intolerância é outro elemento discursivo bastante vivo nesse espaço de conflito. A intolerância, o medo e a perseguição eram aspectos sempre presentes nos discursos organizados pela Igreja em Relação à Maçonaria. Tentar entender como se dava a sua composição, quais os canais de difusão e os elementos de interesse que estavam por trás destas construções, ajuda-nos há entender como nos dias atuais toda essa leva de medo e intolerância que tem sido despertado, pelas ações de conflitos e incompreensão religiosa que o mundo vivencia. A tarefa de conviver e tolerar o outro, foi para a humanidade sempre uma tarefa difícil. Os cenários, atores e

---

<sup>17</sup> *Archivo Maçônico*, Ano I, n3, 9 de novembro de 1906.

questões históricas mudam, porém nossa tolerância para com o diferente permanece limitada, apesar de todas as transformações.

Acreditamos que estudar as composições e conflitos entre Igreja e maçonaria, observando em muitos momentos, fortes cenas de não aceitação de uma para com a outra, notícias tendenciosas objetivando a criação de um clima de alerta e cuidado. Este clima torna-se fundamento importante na formação do discurso intolerante, do complô e da confabulação, a partir do momento que tais questões elevam-se como ponto central de preocupação dos pesquisadores e dos seres humanos, a possibilidade de perceber como se dá o processo de composição e a quem ou quais grupos interessam os conflitos a nossa percepção fica mais clara, é aí, nesse momento que a livre discussão e ação para diminuir tais embates devem ser efetivadas.

## Referências

- BARATA, Alexandre Mansur. **A Ação da Maçonaria Brasileira (1870-1910)**. Campinas: UNICAMP, 2000, 200p.
- BENIMELI, J.A.F; CAPRILE, G; ALBERTON, V. **Maçonaria e Igreja Católica: ontem. Hoje e amanhã**. 3ªed. São Paulo: Paulinas, 1983, 386p.
- BURKE, Peter. **Varietades de História cultural**. trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2000. pp234-343.
- \_\_\_\_\_. **O que é História cultural?**. Trad.Sergio Goes de Paula.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.186p.
- COLUSSI, Eliane Lucia. **Maçonaria Gaúcha no Século XIX**. Passo Fundo:Edupf, 2003, 576p.
- DELUMEU, Jean. **História do Medo no Ocidente**. 3ª. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1989, 472p.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. trad.Maria Lúcia Machado. São Paulo: companhia das letras, 1987, 208p.
- HUNT, Lynn. A nova História Cultural.Trad.Jefferson Luiz Camargo. 2ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 317p.
- JAMESON, Frederic. **A lógica cultural do capitalismo tardio**. Trad. Maria Elisa Cevasco. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1997.
- LEGOFF, Jacques(org). A História Nova.Trad.Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 318p.
- SALIBA, Elias Thomé. Perspectivas para uma historiografia cultural. In: **Revista Diálogos**. Nº 1, Maringá, 1997.
- SILVA, Augusto César Acioly. **Pedreiros-Livres em Pernambuco: história, iniciação, ritualística e imprensa (1870-1912)**. Recife: UNICAP, Monografia de Especialização, mimeo, 2004. 70p.
- SILVA, Severino Vicente. **A Primeira Guerra Mundial na Tribuna Religiosa: O Nascimento da NeoCristandade**. Recife: UFPE, dissertação de mestrado, mimeo, 1985.

## Periódicos

- Arquivo Maçonico, Recife (1906-1910).
- A Tribuna Religiosa, Recife (1906-1909).